

O espaço público urbano como indutor de jogo

Liliane Ferreira Mundim
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
mestre
professora

Resumo: A partir do experimento com as diferentes práticas de Jogos Teatrais na disciplina *Metodologia Do Ensino do Teatro II*, surgiram desdobramentos que desencadearam no uso do espaço público urbano, como espaço indutor de jogo. No decorrer do processo, ao utilizarmos o espaço do entorno da Universidade, especificamente a Praça General Tibúrcio e a Praia Vermelha (URCA – RJ) como áreas de jogo foram sendo criadas novas propostas que nos motivaram a uma permanente discussão e investigação sobre sua multiplicidade.

Nesse sentido, os experimentos com os Jogos Teatrais foram se mesclando e se interrelacionando ao uso desse espaço, que se tornou o foco de atuação, experimentação e investigação.

A pesquisa vem sendo assim denominada: *O ESPAÇO PÚBLICO URBANO COMO INDUTOR DE JOGO* e os possíveis desdobramentos desse espaço, como categoria recorrente e interdisciplinar; conceito; palco e /ou espaço de platéia; espaço real e /ou imaginário; possibilidade de apropriação e uso; facilitador da interrelação e da interação com as diferentes coisas e pessoas que circulam pelo espaço público; provocador de intervenção, de estranhamento, de transformação, de ocupação, de invasão, etc; instigador de discussão de conceitos como: arte – loucura – tensão – modificação, metamorfose a partir dos experimentos no espaço público, dentre outras questões.

Esse trabalho vem sendo construído e reconstruído a cada semestre, por turmas diferentes, como também registrado através de material visual e escrito. A partir desse processo, pensamos em criar um Centro de Estudos que visa a aprofundar essa investigação e promover outros diálogos inter e transdisciplinares, no sentido de ampliarmos as possibilidades do fazer do jogo teatral e suas possíveis conexões e devires.

Palavras-chave: ???

“O espaço público atual é o resultado, sem dúvida, de estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais da nossa sociedade que, cada vez mais tendem a amplificar oposições, tornar complexas as relações e a exacerbar contradições. Mas é também a expressão de signos das práticas urbanas e do cotidiano local”¹

O espaço da rua é passível de inúmeras formas de apropriação através da arte teatral. Ao optarem pelo espaço público como palco, os atores se confrontam com inúmeros desafios.

¹ ALBERNAZ, Paula in LIMA, Evelyn Furquim Werneck e MALEQUE, Miria Roseira. *Espaço e Cidade – conceitos e leituras*. RJ: 7 Letras, 2007.

Desde os mistérios da Idade Média, passando pela Comédia Dell Arte, chegando aos dias atuais, o espaço público tem sido palco de experimentações diversas. Pode ser considerado um campo aberto em possibilidades e fértil território para os fazeres teatrais.

Mas o que pode nos provocar o espaço da rua?

Os fatores que compõem o contexto da rua são os mais diversificados, dentre objetos, pessoas e condições climáticas. Além desses elementos, a rua é repleta de memórias, histórias reais e imaginárias, singularidades e peculiaridades que fazem parte do contexto simbólico relativo a cada lugar. As relações que se travam através de seus transeuntes e as diferentes situações e acontecimentos são comuns ao espaço da rua.

Representar no espaço da rua, no espaço público, é conviver com os fatores de risco que são de caráter imprevisível, inusitado, inesperado e, em qualquer momento poder ser desestabilizado e surpreendido.

Em se tratando de espaço físico, penso que o espaço da rua pode ampliar ainda mais esse campo de experiência. Além de percebê-lo como matéria prima para uso de movimentos, construções cênicas, encenações é também de fundamental importância, não somente considerá-lo como um elemento indutor e provocador de jogo, mas, principalmente, considerar e acolher todas as possibilidades de exploração desse espaço, considerando os inúmeros fatores que nele se entrecruzam.

Minha pesquisa tem se processado há cerca de um ano e meio, especificamente ministrando a Disciplina METEA II, no Curso de Licenciatura em Teatro da UNIRIO.

Inserido no projeto da disciplina o sistema de Jogos Teatrais e suas diferentes abordagens metodológicas, são pressupostos que fazem parte do cotidiano das aulas.

É sabido que o conceito de espaço e seus múltiplos desdobramentos servem como elemento instigador e estimulante de inúmeras possibilidades de Jogos e experiências cênicas. A maior parte das metodologias ligadas a procedimentos com os Jogos Teatrais percebem e apontam o espaço como um foco de busca permanente de investigação.

Dentre os principais referenciais citamos o professor e pesquisador francês Jean Pierre Ryngaert que considera o espaço como um dos principais indutores para o processo de Jogo Teatral.

O espaço público configurado pelo cotidiano da cidade é repleto de riscos e fatores imprevistos que podem ser considerados elementos provocadores de experiências instigadoras.

Considerar os aspectos do espaço público e o que ele pode nos revelar é considerá-lo como indutor de jogo e como algo vivo, pulsante e vibrante.

Nesse caminho, em minhas aulas passei a utilizar o espaço público como forte integrante de nossas experimentações. Essa opção tem sido campo de infinitas possibilidades.

Jogar é se revelar e se desvelar. Fazer uso do espaço da rua para lugar de experiências com o sistema de Jogos Teatrais, no meu entendimento pressupõe ter também como foco a condição do jogador/atuante e seu possível *estado de jogo*, em um sentido mais aberto e apto às provocações e alterações dos acontecimentos presentes na rua.

Portanto, na condução ou orientação dos jogadores, tento incentivar para que também atuem e se deixem realmente afetar a partir dos elementos itinerantes que perpassam por esse espaço, incluindo tais elementos no fazer teatral. Evitando-se ao máximo uma apresentação *PARA*, mas sim representação *COM*.

Nesse processo de investigação e exploração do espaço público como indutor de outras formas da expressividade e, por conseguinte, da improvisação, tenho percebido que, na maioria das vezes, o uso do espaço concebido como indutor de Jogo fica limitado a elementos físicos, materiais, simbólicos e imaginários.

Observo ser de fundamental importância uma preparação para um possível *estado de jogo*, envolvendo técnicas, estratégias e estímulos diversos, embasado no sistema de Jogos Teatrais, incentivando os jogadores a incluírem todos os fatores inerentes ao espaço público.

Nesses experimentos, algumas reflexões me instigam, dentre elas:

- Como atuar mediante as interferências que surgem tão inesperadamente, no espaço público, mantendo o estado de jogo? É possível?
- O estado de jogo pode permanecer diante do inusitado?

Observo que, em diversas situações de Jogo, os jogadores tendem a se preocupar muito mais com a proposta do Jogo em si: suas regras, roteiros, suportes ou com os outros jogadores parceiros. Dificilmente conseguem incluir os outros elementos e fatores que fazem parte da totalidade do espaço.

De alguma forma, pode-se considerar que procuram ter a situação sob algum controle, mesmo, (dito pelos próprios jogadores em questão) que estejam em *estado de jogo* e correndo alguns riscos que por ventura vão se apresentando. Ou seja, raramente incluem os não-jogadores (transeuntes, passantes, etc) ou os obstáculos que apareçam pelo caminho. Sendo assim, há a tendência a se desviarem desses *obstáculos*.

Por outro lado, ao fazerem apresentações ou representações na rua, munidos de seus pré-roteiros, jogam “para a platéia”, com poucas tentativas de modificação e flexibilização de seus roteiros.

Portanto, acabam na maioria das vezes desconsiderando o próprio espaço apresentado como um todo.

De antemão, é fato que os jogadores/atuantes jogam *para* e não *com* e os *não - jogadores* ou quaisquer coisas que por ventura estejam presentes no espaço, no roteiro, na partitura de jogo ou nas intervenções pré-combinadas entre o grupo, não são realmente considerados e incluídos como co-participantes, interferindo sobremaneira no *estado de jogo*.

- Será que não são considerados como algo importante ou capaz de modificar as regras do jogo pré-estabelecido?

Procuro incentivá-los a tais procedimentos com comandos do tipo: *joguem com a platéia, incluam os obstáculos*, dentre outros, mas, são ainda bastante incipientes, configurando-se em certo aprisionamento ou possivelmente um receio de perder o controle sobre a situação.

Enfatizo que contracenar com objetos, pessoas, situações e elementos que atravessam esse espaço é um campo aberto de experimentações.

Considerando os novos paradigmas de abordagem para o espectador contemporâneo, podemos afirmar que ele também passa a ser um co-autor e co-participante do ato teatral. Reflito então se o ator/atuante está preparado para ser um provocador de ações e reações que se caracterizem como um ato teatral vivo que possa instigar outros atos e fatos teatrais, incluindo a participação efetiva dos espectadores.

Provavelmente chegar a *estado de jogo* e se deixar afetar e transformar pelo inusitado ou pelos acasos, podem levar anos de processos de treinamentos, técnicas diversas, experimentos, etc.

Nesse momento da pesquisa, tenho considerado o sistema de Jogos Teatrais como uma das opções metodológicas catalisadoras e instigadoras de expressividade e

possivelmente um caminho para os experimentos da construção cênica no espaço público, gerando diferentes formas de experimentos ou até encenações.

Nessa perspectiva, passo a considerar o espaço público como indutor de jogo e os possíveis desdobramentos desse espaço como:

- categoria recorrente e interdisciplinar;
- conceito;
- palco e /ou espaço de platéia;
- espaço real e /ou imaginário;
- possibilidade de apropriação e uso;
- facilitador da interrelação e da interação com as diferentes coisas e pessoas que circulam pelo espaço público;
- provocador de intervenção, de estranhamento, de transformação, de ocupação, de invasão, etc;
- instigador de discussão de conceitos como: arte – loucura – tensão – modificação, metamorfose.

Levanto, assim, outras questões:

- Como permanecer em estado de jogo, incorporando ao trabalho as modificações recorrentes a esse espaço?
- Em que medida esses jogadores se deixam afetar e como percebem essas provocações como fatores modificantes de outras formas de expressão ou de representação?

E, diante dessas questões, procuro traçar outras abordagens que possam ampliar o sistema de Jogos Teatrais, instigando cada vez mais os jogadores a atuarem com os não-jogadores, o acaso, os fatores inesperados, etc. E, por conseguinte, tenho encontrado no espaço público, uma rica fonte geradora para essa investigação.

Os fazeres pedagógico-artísticos, como processos educativos precisam estar atentos aos novos paradigmas contemporâneos.

A Pedagogia do Teatro é hoje um campo aberto para experimentações. Penso que cabe a nós, investigadores dessa área em franca expansão, investir na continuidade de pesquisas e experimentos que possam nos manter em permanente *estado de jogo*.

Referências Bibliográficas:

BULHÕES, Marcos. *Encenação em Jogo*. São Paulo: Hucitec, 2004.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck e MALEQUE, Miria Roseira. *Espaço e Cidade – conceitos e leituras*. RJ: 7 Letras, 2007.

RYNGAERT, Jean Pierre. *Jogar, Representar*. SP: COSACNAIFY, 2009.